

HISTÓRIA EM CONFLITO:

DISCUTINDO OS CONCEITOS E PRECONCEITOS DA HISTÓRIA COM OS DOCENTES RECÉM-FORMADOS PELA UEPB - CAMPUS III

HISTORY IN CONFLICT: DISCUSSING THE CONCEPTS AND PREJUDICE OF HISTORY TEACHERS WITH NEWLY FORMED BY UEPB - CAMPUS III

Paulo Gracino¹

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado de uma discussão teórico-conceitual desenvolvida em torno da definição de História, envolvendo os professores recém-formados pela UEPB – campus III – a partir dos discursos produzidos por alguns nomes da historiografia mundial na contemporaneidade. Participaram da discussão os professores formados no ano de 2013 e 2014, com entrada no ano de 2010. O que motivou a pesquisa foi a necessidade de nos posicionarmos diante do nosso objeto de estudo/ensino, a História. Afinal, somos professores de História e precisamos saber, primeiramente, o que ela é, para só assim agirmos com consciência no ato do ofício. O objetivo principal da pesquisa é analisar como estão sendo formados os profissionais do ensino da História, tendo como referência os docentes abordados, e conseqüentemente, imaginarmos como está sendo desenvolvida a prática do ofício.

Palavras-chave: História. Historiografia. Ensino de História.

ABSTRACT: This article presents the results of a theoretical and conceptual discussion developed around the definition of history, involving newly qualified teachers by UEPB - III campus - from speeches made by some of the world names in contemporary historiography. Participated in the discussion teachers trained in 2013 and 2014, with entry in 2010. What motivated the research was the need to position ourselves before our object of study / education history. After all, we teachers of history and we need to know, first, what it is, just so to act with awareness in the act of craft. The main objective of the research is to analyze how the professionals are being trained in the teaching of history, with reference to teachers addressed, and consequently, imagine how it is being developed to practice the craft.

Keywords: History. Historiography. Teaching of History.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba e em Serviço Social pela Universidade Paulista.

Introdução

Neste trabalho é apresentada uma discussão teórico-conceitual acerca do que é a História, envolvendo os docentes recém-formados pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - campus III - e alguns renomados autores da historiografia mundial. O interesse pela pesquisa surgiu após a conclusão da licenciatura, quando passei a refletir sobre o meu futuro enquanto professor de História. Com o diploma em mãos e habilitado para tal função veio a necessidade de saber de fato o que é História, ou seja, o que irei ensinar na sala de aula, tendo em vista que durante a formação me deparei com diversas teorias abordando pontos de vista diferentes sobre tal discussão.

É evidente que o termo história está bastante difundido no mundo atual, sobretudo através dos meios de comunicação, mas alguns autores alertam com preocupação a facilidade com que as pessoas têm acesso às informações,² havendo a necessidade de se delimitar a diferença entre informação e conhecimento, entre acontecimento e História ou mesmo entre História e história. Enfim, o professor precisa saber o que é História para poder atuar de forma consciente na prática do ensino.

Neste sentido, me propus a dialogar sobre a questão com outros professores que acabaram de sair da universidade e se encontram na mesma condição que eu, para saber se eles estariam (in) seguros quanto ao ensino de História.

Comuniquei (via internet) que estaria preparando um artigo sobre o debate teórico em torno da discussão - o que é História - e gostaria de saber a opinião dos recém-formados pela UEPB - campus III. Pedi que me enviassem uma definição de História, com no máximo dez (10) linhas, para que eu pudesse citar por completo no artigo³, confrontando-a com os conceitos apresentados por Michel

² Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2010) abordam este assunto, questionando os problemas enfrentados pelos professores diante das inúmeras fontes de informações disponíveis nos meios de comunicação; alertando para as possibilidades de um ensino que favoreça ao conhecimento humanista; identificando alguns papéis do professor de História idealizados para atrair a atenção dos alunos; dando ênfase à importância da interrogação do passado para melhor explicar o presente, uma vez que os "contadores de história" da mídia não se preocupam com tais fundamentos.

³ E-mail, na íntegra, direcionado aos colaboradores da pesquisa de forma individual: Eu estou preparando um artigo sobre o debate teórico em torno da discussão "o que é História" e gostaria de saber a opinião dos recém-formados pela UEPB - campus III. Por isso eu queria que, se possível, você me enviasse uma definição de História, com no máximo dez (10) linhas, para que eu possa citar por completo em meu artigo. Ou seja: O que é História para você, a partir do que foi visto no

de Certeau (1982), Paul Veyne (1998), Keith Jenkins (2001) e outros historiadores que discutem o que é, como é produzida e quais as possíveis funções sociais da História.

Convidamos para participar da discussão quinze recém-formados e concluintes com entrada no ano de 2010, sendo duas turmas da tarde e uma da noite⁴. (In) felizmente, apenas um terço dos convidados enviou as suas contribuições até o ato de conclusão deste artigo.

Os cinco professores que participaram da discussão foram: Emmanuel Paulino de Luna⁵, Renata Gonçalves de Souza⁶, Mayra de Oliveira Mendes⁷, Roseane de Lima Santos⁸ e Francinaldo Augusto Gomes⁹. Os demais não participaram por motivos diversos, mas, mesmo assim, acabaram por contribuir em muito para os nossos objetivos, que mais adiante explicaremos.

Para que haja um melhor entendimento da questão, utilizamos o termo História (com "H" maiúsculo) para definir a produção científica, ou a historiografia; e história (com "h" minúsculo) para definir uma narração de fato, ou uma criação desenvolvida sem os preceitos da metodologia científica.

O texto é desenvolvido de forma simples, trazendo na conclusão o posicionamento do autor acerca do assunto, sempre fundamentado nos pressupostos teóricos.

curso? (10 linhas no máximo, mas se quiser, pode até explicar em quantas laudas achar necessário, desde que dê a sua opinião em forma de resumo). O meu objetivo é fazer uma análise teórica dos novos professores e pesquisadores de História, confrontando as suas interpretações com as definições dos grandes historiadores, procurando ver a tendência do futuro da História, tendo em vista que já estamos aptos a atuar na área. Esta pesquisa será apenas entre os alunos com entrada no ano de 2010, sendo os da primeira e os da segunda entrada, pois estes estão deixando de serem alunos para se tornarem professores e pesquisadores de História. Neste caso, isto justifica a minha pesquisa, pois temos que saber, no mínimo, o que iremos ensinar e pesquisar (História) de agora em diante. E mais, o resultado da pesquisa servirá, também, para que os coordenadores do curso de História da UEPB – campus III – possam fazer uma análise do que está sendo ensinado, neste sentido. Tenho interesse em dois ou três alunos de cada turma – tarde e noite - e busco os que me parecem ter mais interesse pela prática docente.

⁴ As duas turmas da tarde concluíram no final do segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014, respectivamente. Enquanto a turma da noite estará concluindo no final do segundo período de 2014, mas, para efeito da nossa pesquisa, está sendo considerada como de professores.

⁵ Graduado em História pela UEPB (2014), aluno da Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido (IFRN), tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Reforma Agrária. Ensino de História e Brasil. E-mail: emmanuel.paz@hotmail.com

⁶ Graduada em História pela UEPB (2013). E-mail: renata.pibid@gmail.com

⁷ Graduada em História pela UEPB (2013). E-mail: mayaragba@hotmail.com

⁸ Graduada em História pela UEPB (2013). E-mail: roseane.hist@gmail.com

⁹ Graduado em História pela UEPB (2013); professor do Cursinho Pré-vestibular Comunitário da Cidade de Cuitegi – Paraíba - desde agosto de 2013. E-mail: afrancinaldo@gmail.com

1. História ou histórias: o que vamos ensinar?

Vivenciamos um momento histórico, quase que totalmente, dominado pelos recursos tecnológicos, onde os meios de informação fazem parecer que o professor de História perdeu o seu espaço para os jornalistas e/ou os manipuladores das ferramentas de comunicação, quando tratamos da aquisição do conhecimento. Surgem conflitos de entendimento que nos fazem refletir sobre tais fenômenos, uma vez que existe uma distância marcante entre informações e conhecimentos, ou melhor, existem divergências entre História e história.

Em meio a estes conflitos conceituais, na contemporaneidade, é possível compreender a importância do ensino dos conhecimentos históricos na sala de aula, pois o que vemos são equívocos abissais em relação ao que é ou não História. Nesta direção, imagina-se o mal que é uma criança, um adolescente, ou qualquer pessoa, que em vez de ir à sala de aula, simplesmente vá buscar os seus conhecimentos onde e quando quiser através dos inúmeros meios de comunicação existentes no planeta (PINSKY, 2013).

História é conhecimento, é acontecimento. E não temos dúvidas quanto a isto. Mas devemos questionar se acontecimento é História, ou melhor, se todo e qualquer acontecimento é, de fato, História. E mais, devemos buscar fazer a distinção entre passado e História, para sabermos o que ensina um (a) professor (a) da área.

A produção historiográfica é digna de grandes debates teóricos, envolvendo grandes estudiosos em diferentes tempos e espaços¹⁰. É claro que existem divergências conceituais, mas todos os discursos nos remetem à ideia de que a História é uma construção humana, não absoluta e ou definitiva, e por estar sujeita às variações temporais devemos nos orientar na sua própria trajetória histórica para uma melhor compreensão sobre o que é ensinado e apreendido na sala de aula.

¹⁰ Desde o seu nascimento nas sociedades ocidentais – nascimento tradicionalmente situado na antiguidade grega (Heródoto, no século V a.C., seria, senão o primeiro historiador, pelo menos o “pai da história”) mas que remonta a um passado ainda mais remoto, nos impérios do Próximo e do Extremo oriente -, a ciência define-se em relação a uma realidade que não é nem construída e nem observada como a matemática, nas ciências da natureza a nas ciências da vida, mas sobre a qual se “indaga”, “se testemunha” (*grifos do autor* LE GOFF, 2012, p. 11)

O grande historiador Marc Bloch (2001) se refere à palavra História como sendo um termo bastante antigo, onde houve momentos em que se pretendeu a eliminação do termo do vocabulário. Por exemplo, durante o século XVII,

Os próprios sociólogos da era durkheimiana lhe dão espaço. Mas é para relegá-la a um singelo cantinho das ciências do homem: espécie de calabouço onde, reservando à sociologia tudo que lhes parece suscetível de análise racional, despejam os fatos humanos julgados ao mesmo tempo mais superficiais e mais fortuitos (BLOCH, 2001, p. 51).

Daí, podemos acreditar que compreender o que História é uma busca não tão recente, pois até mesmo o termo já se pensou em eliminar do vocabulário, ao contrário do que presenciamos na atualidade, onde as pessoas relacionam-na a todo e qualquer acontecimento.

Como já adiantamos, com o *boom* da tecnologia midiática na contemporaneidade, a História se expande em direção a conceitos considerados pejorativos, pois não existe uma delimitação exata entre História e história. Os profissionais (e não profissionais) jornalísticos, por exemplo, utilizam tais termos para todo e qualquer acontecimento, sem que haja uma fundamentação adequada. É claro que são compreensíveis tais vícios, uma vez que se foram os tempos em que existiam História e estória.

Apenas para justificar a nossa discussão, mostramos que, durante a copa do mundo de futebol 2014, realizada no Brasil, encontramos exemplos claros do que estamos querendo chamar a atenção. Um acontecimento bastante abordado pela mídia, em meio às inúmeras atrações do grande evento esportivo, foi o resultado da partida entre a seleção brasileira e a alemã. Com o final esmagador de 7 a 1 para a Alemanha, o que ouvíamos entre os jornalistas era de que o Brasil estaria “fazendo História” naquele fatídico dia. Ou que aquele seria o resultado que mancharia a “História do futebol brasileiro para sempre”, como se a História fosse algo concreto e de duração eterna. Seria o pior resultado da nossa seleção “em toda a sua História esportiva”¹¹.

¹¹ É bom ressaltarmos que estas afirmações não se restringiram apenas aos jornalistas esportivos, afinal, elas foram bastante difundidas entre os torcedores brasileiros e, porque não dizer, entre a grande maioria da população brasileira e do mundo.

Não é apenas entre os profissionais da área esportiva que podemos encontrar estes equívocos, pois em qualquer outra área é possível registrar tais confusões conceituais. Por exemplo, o jornalismo policial (sensacionalista) virou uma “febre” entre as grandes emissoras de televisão do país, até mesmo porque a violência tem muito contribuído nos últimos anos para tal fenômeno, sem esquecermo-nos de mencionar que a internet se tornou um relevante meio de divulgação de massa com tais características. Casos de estupros, pedofilia, mortes entre parentes, tráfico de drogas, sequestros e tantos outros modelos de crimes bárbaros estão se espalhando pelo mundo, e não são mais absorvidos com tamanha estranheza como eram antes, pelos telespectadores, pelo fato de os profissionais desenvolverem todo um aparato para narrar o acontecimento, se utilizando de estratégias e dos benefícios tecnológicos do século XXI.

O fato é que os acontecimentos não passam mais despercebidos aos olhos da sociedade e quase sempre são tratados como História, dando a entender que qualquer acontecimento é História, mas o que sabemos é que estes fatos não estão dissociados do passado e isto não é abordado pelos profissionais leigos da historiografia. Enfim, o fato é que é comum vermos os profissionais relatando os acontecimentos como se fosse, de fato, História e nós, profissionais da historiografia, não podemos aceitar tais argumentos e repassarmos para os nossos alunos em sala de aula sem fazermos as devidas visitas ao passado¹². Atualmente os jornalistas não se limitam mais em, simplesmente, expor a notícia ao receptor, mas se comprometem em fazer toda investigação, as suposições, as interpretações, os possíveis motivos e causas, enfim, agem perecidos aos historiadores quando estão produzindo a História. Neste aspecto, complementando as conclusões pseudo-históricas dos jornalistas, nos deparamos comumente com notícias do tipo: “o acusado depôs na delegacia, criando uma história¹³ com o intuito de se safar das acusações, mas acabou se contradizendo e está preso...”.

Ora, se estamos questionando se todo acontecimento é História, com este modelo de informação ficamos ainda mais atordoado, pois se dá a ideia de que a

¹² Para Pinsky (2013, p. 20), “visitar e compreender o passado é uma tentativa de nos entendermos melhor, de buscar – nem sempre com sucesso – explicações sobre o aqui e agora”, sendo esta uma das funções da História e por isso a necessidade do seu estudo/ensino em sala de aula.

¹³ A palavra história mesmo estando grafada com inicial minúscula acaba gerando conflitos de entendimento aos leigos com relação à História (historiografia), pelo fato de estarmos nos reportando aos discursos orais, sobretudo da mídia televisiva.

História é uma mentira, uma vez que um determinado sujeito pode inventar uma História (que neste caso o termo adequado seria história) para se livrar de uma acusação criminosa.

É aceitável que as pessoas comuns não se atentem para tal discussão, mas os professores e pesquisadores da área devem ficar precavidos para o que vivenciamos cotidianamente. São os jornalistas que associam a História aos grandes acontecimentos da atualidade sem uma fundamentação conceitual básica, ou mesmo, são ações do cotidiano que, sem os devidos resguardos teóricos, cada um de nós faz a relação direta com a História.

Ficamos mais confusos ainda quando buscamos o dicionário para nos ajudar com tais conflitos, pois encontramos definições que, simplesmente, corroboram o que os jornalistas policiais afirmam ao relacionar história e mentira. O dicionário Aurélio (2001, p. 366) em suas oito definições para o termo, traz duas que nos chamaram a atenção, pois nelas, o autor define História como “mentira e amolação”, respectivamente. É evidente que as outras definições são mais plausíveis para os historiadores, mas estas duas coincidem com o que tentamos explicar anteriormente, sobretudo porque o dicionário (ainda) é frequentemente requisitado pelos estudantes e pelas pessoas em geral.

Tudo bem que as pessoas que não atuam na área da historiografia não têm a obrigação de se incomodar com tais equívocos, mas os professores e pesquisadores desta disciplina não podem (e não devem) aceitar tais confusões relacionadas à definição da História, enquanto produção científica. Afinal, foi-se o tempo em que existiam *História* e *estória*, como já aqui mencionei.

Como sabemos, a História é uma construção existente há mais de dois milênios e que já passou por diversas transformações, até mesmo porque ela está propícia às mudanças e transformações, pelo fato de estar relacionadas às transformações ocorridas na sociedade (BLOCH, 2001). Surgiu com Heródoto no ano V a.C. na antiguidade, imperou nos domínios da Igreja medieval, sonhou com os filósofos e literatos do Renascimento e dá época das luzes, buscou a aprovação e consolidação como ciência no século XIX, desembocando nas mentalidades e na cultura (ainda na primeira metade do século XX), mas foi passeando entre as estruturas que chegou a se fragmentar com os idealizadores da terceira geração da Escola dos *Annales* e outros defensores de uma *História do tudo* (REIS, 2003).

Mesmo ficando perplexo como tudo isso, nos indagamos: se tudo é História, então estamos aptos, nós profissionais da área, a ensinar tudo sobre o passado na sala de aula, até mesmo inventar mentiras¹⁴? Desta forma, o que sabemos é que iremos ensinar História na sala de aula (ou pesquisá-la entre as fontes), ao término da nossa licenciatura, mas nos defrontamos com tantas incertezas quanto à sua conceituação, que ficamos confusos sobre o objeto de atuação profissional.

Entendemos quando, em nossa pesquisa, alguns recém-graduados pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – campus III – não quiseram expor as suas opiniões sobre o que é História. Mas será que eles sabem o que irão ensinar em sala de aula? Sob a alegação de ser uma definição muito complicada, apesar de terem tido acesso aos fundamentos teóricos da historiografia, alguns preferiram não expor a sua compreensão sobre o tema. Isto reflete o quanto é conflitante esta discussão. Aliás, Certeau (1982, p. 67) chama a atenção para “o não-dito” na historiografia, indicando este nicho como o ponto crucial para que o historiador possa reconstruir uma nova História.

A História, atualmente, aborda tudo que estiver relacionado ao o ser humano em sociedade. Historiadores brasileiros, como José Carlos Reis (2003), por exemplo, trazem explicações plausíveis sobre o “tudo” na historiografia contemporânea, levando-nos a repensar os discursos que envolvem informação, acontecimento e História; Albuquerque Júnior (2005), por sua vez, defende que a História “é a arte de inventar o passado”, instigando-nos a uma discussão bem interessante sobre esta mistura, pois sabemos que um professor além de não está apto a inventar conhecimentos na sala de aula, também não está habilitado para o ensino de arte (mesmo podendo a utilizar como recurso pedagógico), pelo motivo de existir uma disciplina específica no sistema educacional do país; Sandra Pesavento (2003, p. 22), quando trata da discussão em torno dos precursores e da redescoberta da História Cultural, diz que “o historiador se valia da ficção para construir a sua narrativa, compondo uma espécie de ilusão ou versão sobre o passado”, e este argumento tem uma forte ligação com a invenção defendida por Durval; com isso, ficamos mais confusos sobre o nosso ofício, pois, a História seria uma mentira, como define o dicionário e algumas situações cotidianas, e os

¹⁴ Albuquerque Júnior (2007) defende a História como sendo “a arte de inventar o passado” e o dicionário Aurélio (2001) a define como uma “mentira”, logo, subentende-se ser a arte de inventar mentiras.

profissionais estariam autorizados a mentir sobre o passado? Ou será que em vez de o aluno buscar o conhecimento nas salas de aula, não seria mais cômodo procurar adquirir conhecimentos através dos recursos tecnológicos?

Entendemos também quando o professor Emmanuel Paulino diz que definir História é uma tarefa muito difícil, pois envolve pontos de vista diferentes defendidos por grandes teóricos da historiografia mundial. Entendo também quando a professora Renata Gonçalves a define como sendo uma ciência, pois Le Goff (2012, p. 19) afirma que “estamos quase todos convencidos de que a história não é uma ciência como as outras”, ou seja, ele diz que é uma ciência, mesmo que diferenciada das outras. Aliás, Emmanuel Paulino tem a sua definição voltada para a teorização de Michel de Certeau (1982), entendendo que:

[...] História é uma produção do conhecimento humano, que reproduz os mais variados discursos que são construídos do passado, em meio às vivências presentes, nas perspectivas do lugar social definido por Certeau. Com base nesses pressupostos, acredito que é impossível relatar fielmente o que aconteceu no Nazismo, porém é inevitável negar que o Nazismo permeou um espaço de “mentalidade” em seu tempo/espaço, e que até hoje existem fragmentos do mesmo que interferem em nossas vivências (EMMANUEL PAULINO DE LUNA, 2014).

Vejamos que este professor compreende que a História é uma construção humana, mutável com o tempo, e que tem uma função social, pois aponta permanências do passado no nosso presente. Desta forma entendemos a necessidade do ensino de História na sala de aula, mesmo com tantas fontes de informações disponíveis. O professor será o divisor entre informação e conhecimento, será ele o elemento capaz de fazer com que cada estudante se perceba como sujeito histórico. Ou seja, “nós nos sentimos agentes históricos quando nos damos conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para atingirmos o estágio civilizatório a que chegamos” (PINSKY, 2013, p. 24). Mesmo assim, Emmanuel Paulino ainda encontra dificuldades para uma definição mais precisa, demonstrando em suas palavras um pouco de insegurança e justifica dizendo: “O que é história? Uma questão um tanto quanto complicada de definir, ainda mais em poucas linhas”.

Analisando a definição de Renata Gonçalves vemos o diálogo traçado com a abordagem do “tudo” pela historiografia, discutida por Reis (2003), afinal, nada

pode ser rejeitado pelo historiador no exercício da sua função. Desta forma, consideremos como esta professora define a História.

A História é um campo amplo de conhecimento onde tudo pode servir de objeto de estudo. Onde as pessoas constroem seus passados que são guardados pela historiografia. A história na visão de um aluno ou aluna, só o passado. Mas na visão de um historiador ou historiadora, ou professor e professora de história, é uma porta para um conhecimento infinito e extraordinário, que serve para compreendermos fatos corriqueiros ou para lembrarmos-nos do que não pode ser seguido como exemplo pela humanidade. A história é tão complexa que para essa pergunta tão simples e objetiva, as respostas podem ser as mais subjetivas e variáveis possíveis, sendo esse o mistério que faz da História uma **ciência** tão interessante (RENATA GONÇALVES DE SOUZA, 2014). Grifos da autora

Não diferente de Emmanuel, Renata também aponta a História como discurso explicativo do presente, ou sobre a necessidade de buscarmos a compreensão do passado para explicarmos condições impostas em nosso presente, apesar da insegurança na definição (também). Mas o que nos chama a atenção é que ela trata a História como sendo “uma ciência tão interessante”, ou seja, em meio à formação acadêmica nos deparamos com teóricos renomados, como Paul Veyne, que afirmam categoricamente que “a história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a História, da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe” (VEYNE, 1998, p.12). Ora, como Renata vai ensinar uma ciência que não existe (segundo Veyne)? Confuso, não?

Esta conceituação de História elaborada por Veyne (1998) contradiz até mesmo o discurso de Certeau (1982), contrariando o professor Emmanuel, pois Certeau trata a História como sendo um produto construído através de uma “operação historiográfica”, onde prevalecem o lugar social, uma prática científica e uma escrita. O lugar social estaria relacionado às instituições responsáveis pela construção de saberes; a prática científica é o que estabelece os métodos do constructo, ou seja, é o que determina como deve ser a produção historiográfica; já a escrita é o que torna a História um produto concreto. Mas se com tudo isso ela ainda não existe, como iremos saber o que ensinar na sala de aula?

Partindo para o que a professora Mayara de Oliveira nos explicar sobre esta discussão é perceptível também uma definição voltada para a função da História,

na contemporaneidade. Ela retrata a subjetividade humana em seu discurso, discorrendo sobre a importância do questionamento do presente, onde é necessária a busca de tais respostas no passado. Vejamos o que ela entende ser a História.

Hoje, entendo que a História é baseada em um processo de reflexões e interpretações, e que se deve sempre existir uma preocupação com o que está sendo relatado. Somos nós sujeitos investigadores de nosso próprio tempo, da nossa própria História. Sabe-se que a História é ampla, complexa, então nada mais interessante do que a proposta de questionar nosso presente, para assimilar acontecimentos passados (MAYARA DE OLIVEIRA MENDES, 2014).

Como profissional habilitada para o ofício de docente e pesquisadora de História, Mayara mostra-se preocupada com a construção do relato a ser construído e discutido em sala de aula. Aliás, ela relembra a discussão erigida por Roger Chartier (2010), tratando da História, entre relato e conhecimento. Nesta abordagem, Chartier chama a atenção para esta preocupação identificada na fala de Mayara.

Numa época em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso histórico como representação e explicação adequada da realidade que foi. Supondo em seu princípio a distância entre saber crítico e reconhecimento imediato, essa reflexão participa do longo processo de emancipação da história com respeito à memória e com respeito à fábula, também verossímil (CHARTIER, 2000. P. 31).

É isto que nos incomoda cotidianamente, ou deveria nos incomodar. São os equívocos que se confundem com a História, enquanto produção científica. Realmente precisamos nos preocupar com os discursos historiográficos, mas precisamos primeiramente saber a distinção entre passado e História, por exemplo, para podermos atrair o gosto dos alunos para o estudo desta disciplina.

Fico imaginando uma definição tradicional e objetiva que encontramos sobre o que é Pedagogia, onde classicamente as pessoas dizem que é "a arte de ensinar", pois acredito que precisaremos ser artistas para podermos ensinar a História.

Outra professora que se comprometeu em nos auxiliar nesta pesquisa foi Roseane de Lima, produzindo o seu discurso conceitual e disponibilizando para esta discussão. Nesta participação ela nos faz retomar a ideia de Albuquerque Júnior (2007) de que a História é uma arte, ou melhor, “é a arte que dá suporte para a (re) construção do passado”. Mas a História não seria a própria reconstrução do passado (apesar de também ser uma fonte histórica)?

História é o estudo das sociedades em seus diferentes aspectos: políticos, econômicos, culturais, religiosos... Onde essa reflexão se configura, respeitando um determinado tempo e espaço. É a arte que dá suporte para a (re) construção do passado, que nos permite obter respostas para os questionamentos do presente através da análise crítica do que foi vivido. Onde essa análise do passado, visa contemplar o tudo e o todo, toda a atividade humana, desenvolvida em caráter individual ou coletivo, atentando para as mudanças e permanência que ocorrem nas sociedades ao longo do tempo (ROSEANE DE LIMA SANTOS, 2014).

Na sua definição, Roseane de Lima toma como norte os ensinamentos de Reis (2003), pois “o *tudo e o todo*” estão presentes em seu discurso, não divergindo em muito da maioria docentes saídos da UEPB – campus III, que participaram desta pesquisa.

É possível perceber que nada está livre da operação historiográfica, ou que nada escapa aos olhos do historiador na contemporaneidade, de acordo com a professora Roseane.

No senso comum, “a História seria uma ciência que estuda o passado” e, desta forma, o presente não teria nenhuma relação com o passado, muito menos com esta ciência. Quem chama a atenção para este clichê utilizado pelos leigos da historiografia é o professor Francinaldo Augusto. Aliás, ele aborda uma discussão muito interessante sobre a construção historiográfica, que são os interesses envolvidos neste tipo de construção de saber. Em sua opinião, existem interesses para além da simples preservação da memória, convergindo com o discurso que Jenkins (2001) profere sobre o que é História.

História, para além da “ciência que estuda o passado”, resposta clichê entre a maioria dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, teve seu sentido ampliado ao menos no meu caso, que ao concluir o Curso de História, percebo que a História surge para satisfazer aos interesses de variados grupos sociais, portanto, não

é inocente nem desinteressada. Que tem entre suas finalidades criar e preservar determinadas memórias, capazes de nos ajudar a entender as sociedades atuais a partir das experiências e influências do passado. O historiador que é responsável pela produção da história, em uma comparação um tanto exagerada, assemelha-se a um psicólogo ou psiquiatra que busca nos acontecimentos do nosso passado, seja ele, um passado próximo ou distante, explicações para as nossas ações e comportamentos do presente (FRANCINALDO AUGUSTO GOMES, 2014).

Jenkins (2001), na sua "História Repensada", diz que em vez de procurarmos entender o que é a História é melhor buscarmos compreender para quem é a História. Ou seja, o melhor é procurarmos saber para quem este tipo de produção interessa, pois sabemos que ao longo dos tempos a História esteve a serviço do poder dominante.

Quando Francinaldo afirma que "o historiador é o responsável pela produção da história", ele está indo de encontro aos ensinamentos do historiador Keith Jenkins, pois o autor norte americano é categórico ao diferenciar passado e História, definindo que o passado seria tudo o que já aconteceu até a data atual, ou seja, tudo que já passou até a atualidade; e História seria tudo o que já foi escrito sobre o passado, isto é, História é historiografia, é o que faz o historiador.

Portanto, apesar da discussão fervorosa em torno da definição da História, devemos estar cientes de que nós estamos habilitados para ensinar, ou discutir com os alunos do ensino básico, os discursos produzidos pelos historiadores sobre o passado. É evidente que o passado já passou e dele só restam as fontes históricas, dentre elas, o que os profissionais autorizados, em seus respectivos tempos históricos, escreveram sobre um determinado passado. Então, temos a consciência de que ela é uma produção humana e não está isenta dos interesses da humanidade. Desta forma, o professor de História deve saber distinguir o passado (ou o acontecido) da História (ou da Historiografia), e mais, necessita saber delimitar a História da história (estória) para não entrar em conflito com a avalanche de informações despejadas a todo instante pelos meios de comunicação.

Considerações finais

Se formos abordar as construções teóricas que envolvem a conceituação de História ficaremos rodando em círculo, uma vez que existem muitas visões diferentes sobre a sua construção, mas que ao final desembocam em um mesmo ponto. Os grandes representantes da historiografia mundial defendem a História como sendo uma produção científica, daí, podemos alegar que ela é uma ciência, não como as outras como defende Le Goff (2012, p. 107), mas uma ciência, por ser produzida sob os moldes da metodologia científica e “a melhor prova de a história é e deve ser uma ciência é o fato de precisar de técnicas, de métodos e de ser ensinada” (LE GOFF, 2012, p. 107). Quem acredita que a História não existe, como é o caso de Veyne (1998), tem as suas razões, pelo fato de ser um constructo discursivo e não uma instituição concreta e absoluta, ou seja, ela é refeita constantemente. Aos adeptos da História enquanto arte ou invenção, nos quais incluímos Albuquerque Júnior (2005), não podemos ser intransigentes ao ponto de não compreendermos tais concepções, pois a produção historiográfica requer certa manipulação artística das palavras, para poder dialogar com as fontes entre o presente e o passado; além do mais, não podemos abandonar a ideia de que o historiador inventa um passado que não existe mais, a partir das fontes disponíveis no presente, no seu tempo presente. Neste sentido, os defensores da História ficção não estariam errados. Enfim, todos os discursos produzidos em torno da teoria da História nos remetem ao que diz Jenkins (2001), que História é Historiografia e isto é um discurso produzido sobre o passado por um historiador. Ou seja, a História seria a representação do passado sob a forma de uma escrita científica.

Assim sendo, podemos dizer que a História não existe, existindo Histórias, pois cada autor escreve um discurso diferente sobre um mesmo passado, a partir de seu lugar social e das condições que lhe são disponíveis.

Como a nossa abordagem se desenvolveu em torno do que estaria apto a ensinar um professor de História, precisamos saber o que é a História enquanto disciplina escolar, pois só assim saberemos o que abordar na sala de aula.

Nos PCNs estão estabelecidos os nortes para o processo educacional brasileiro e uma definição de currículo escolar nos conduzirá ao entendimento de uma disciplina escolar.

[...] currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e reelaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que traduz os princípios elencados em prática didática. Essa foi a concepção adotada nestes Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 49).

Desta forma, compreendemos que a disciplina escolar seria um desses elementos que compõem as metas e os princípios do plano educativo, pois ela pode ser definida como o "Conjunto específico de conhecimentos que tem suas características próprias sobre o plano do ensino, da formação, dos mecanismos, dos métodos e das matérias" (ANTHROPOS apud CHERVEL, 1990), levando-nos a deduzir que a História, enquanto disciplina, seria formada por um conjunto de discursos historiográficos idealizados como os necessários para uma determinada série escolar.

Em uma definição sucinta e objetiva poderíamos dizer que a História é um discurso produzido por um historiador sobre o passado (próximo ou longínquo). Portanto, em vez de História, podemos defender a existências de Histórias, uma vez que para compreender o passado ficará mais fácil buscarmos compreender em que circunstâncias estas representações foram produzidas¹⁵.

Todavia, o professor de História deve estar ciente de que a sua função como profissional será o de abordar em sala de aula os discursos historiográficos produzidos sob os moldes científicos, mas que foram elaborados a partir da subjetividade humana. Este conjunto de textos que compõem uma disciplina também é selecionado a partir da subjetividade humana, formando uma grade curricular, que também tem a mesma formação. Ou seja, as Histórias, tanto como um constructo científico, quanto como disciplina escolar não poderão jamais ser comparadas às ciências exatas, não sendo plausível esperar um resultado absoluto e definitivo.

¹⁵ Jenkins (2001) apresenta diversas dificuldades enfrentadas pelos historiadores durante a construção historiográfica, alertando para as inúmeras influências estabelecidas sobre o profissional (interna e externamente) durante a execução do seu ofício.

O intrigante é que dois terços dos entrevistados não souberam ou não quiseram participar da discussão, levando-nos a imaginar se estes profissionais estariam aptos ao ensino de História e, conseqüentemente, se a formação de professores do curso de História da UEPB – campus III – estaria de acordo com os interesses do processo de ensino aprendizagem, na contemporaneidade.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Baurú: EDUSC, 2007. v. 1000. 254 p.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Tradução de Guacira Lopes Louro. *Revista Histoire de l'éducation*. n. 38, maio de 1988.
- FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 23 – 52.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PINSKY, J. *Por que gostamos de História*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PINNKY, J.; PINSKY, C. B. *Por uma História prazerosa e conseqüente*. In: _____. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- REIS, J. C. Da história global à história em migalhas: o que se ganha, o que se perde? *História & Teoria*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p.67-95.

VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora UNB, 1998.

Recebido em 06 de setembro de 2014.

Aprovado em 08 de janeiro de 2015.